

ANTONIO GRAMSCI, PENSADOR POLÍTICO DA EDUCAÇÃO

ANTONIO GRAMSCI, PENSADOR POLÍTICO DE LA EDUCACIÓN

ANTONIO GRAMSCI, POLITICAL THINKER ON EDUCATION



Tiago SORIANO¹

e-mail: tiagosoriano@usp.br

Como referenciar este artigo:

SORIANO, T. Antonio Gramsci, pensador político da educação.
Rev. Sem Aspas, Araraquara, v. 14, n. 00, e025004, 2025. e-ISSN: 2358-4238. DOI: 10.29373/sas.v14i00.20559



- | **Submetido em:** 31/08/2025
- | **Revisões requeridas em:** 11/12/2025
- | **Aprovado em:** 20/12/2025
- | **Publicado em:** 29/12/2025

Editor: Prof. Dr. Carlos Henrique Gileno

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP – Brasil. Aluno do Bacharelado e da Licenciatura em Ciências Sociais na USP.

RESUMO: O artigo busca, em um primeiro momento, apresentar a trajetória de Antonio Gramsci como homem político: seus anos de formação, o início de seu engajamento militante, o impacto da democracia operária em sua reflexão, seu momento como liderança do movimento comunista e, por fim, sua intensa atividade intelectual, associada a crescente enfermidade do seu corpo, nas celas da prisão fascista. Em seguida, mobiliza alguns conceitos fundamentais de sua obra (sociedade civil, hegemonia, intelectual orgânico) ao lado de suas ideias educacionais e pedagógicas, fundamentalmente no que diz respeito à formação dos intelectuais da classe trabalhadora e às suas posições frente à Escola Nova. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico acerca do pensamento de Gramsci, com foco em suas ideias sobre educação. Considera-se, não obstante, que o entendimento de suas posições sobre a educação só pode ocorrer no quadro de um conjunto mais amplo de seus conceitos e argumentos.

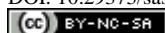
PALAVRAS-CHAVE: Antonio Gramsci. Educação. Sociedade civil. Hegemonia. Intelectual orgânico.

RESUMEN: El artículo presenta, en primer lugar, la trayectoria de Antonio Gramsci como hombre político: sus años de formación, el inicio de su compromiso militar, el impacto de la democracia obrera en su pensamiento, su etapa como dirigente del movimiento comunista y, por último, su intensa actividad intelectual en la prisión fascista, asociada a la creciente enfermedad de su cuerpo. A continuación, moviliza algunos de los conceptos fundamentales de su obra (sociedad civil, hegemonía, intelectual orgánico) junto con sus ideas educativas y pedagógicas, principalmente en lo referente a la formación de intelectuales obreros y a su postura sobre la escuela nueva. Se trata de un estudio bibliográfico del pensamiento de Gramsci, centrado en sus ideas sobre la educación. No obstante, se considera que la comprensión de sus posiciones sobre la educación solo puede darse en el marco de un conjunto más amplio de sus conceptos y argumentos.

PALABRAS CLAVE: Antonio Gramsci. Educación. Sociedad civil. Hegemonía. Intelectual orgánico.

ABSTRACT: As a first step, the article aims to present Antonio Gramsci's trajectory as a political man: his formative years, the beginning of his militant engagement, the impact of workers' democracy on his thinking, his time as a leader of the communist movement and, finally, his intense intellectual activity, associated with the growing infirmity of his body, in the fascist prison. It then mobilizes some fundamental concepts from his work (civil society, hegemony, organic intellectual) in relation to his educational and pedagogical ideas, particularly regarding the formation of working-class intellectuals and his views on progressive education. This is a bibliographical study of Gramsci's thought, focusing on his ideas on education. However, it acknowledges that an understanding of his views on education can only be achieved within the framework of his broader concepts and arguments.

KEYWORDS: Antonio Gramsci. Education. Civil society. Hegemony. Organic intellectual.



Introdução

A pesquisa realizada como suporte para a escrita do presente artigo possui caráter bibliográfico: procurou-se literatura secundária que pudesse auxiliar na exposição das principais ideias educacionais de Antonio Gramsci. Para tanto, foi primeiro necessário circunstanciar a trajetória política-intelectual do autor, para a partir dela delimitar seus principais conceitos, dado que o tema da educação é transversal em sua obra. Dessa maneira, fomos capazes de relacionar esses conceitos com algumas ideias mais particulares de Gramsci sobre o ensino e a pedagogia.

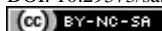
Os autores da bibliografia de apoio são estudiosos clássicos de Gramsci no Brasil, como Carlos Nelson Coutinho, de cujas *Introdução* e *Cronologia* ao seu *Leitor de Gramsci* (organizado em 2011) nos servimos para compor a biografia político-intelectual do nosso autor, e Marcos Del Roio; pesquisadores de Gramsci mais recentes, como Daniela Mussi; e autores vinculados ao campo da pesquisa em Educação.

Vida e obra dedicadas ao socialismo

Antonio Gramsci foi um militante político e intelectual italiano, nascido em 1891 e morto em 1937, muito conhecido por ter articulado as dimensões política e cultural em suas reflexões e ações sobre o mundo que lhe era contemporâneo. De fato, no interior do campo marxista, desde onde escreveu e atuou, Gramsci é considerado inaugurador de um tratamento mais sistemático e aprofundado das questões culturais (incluída aí a educação), assim como também é reconhecido como um teórico político inovador ao tratar das estratégias revolucionárias pertinentes ao seu tempo e lugar.

Tendo experienciado uma infância empobrecida na Sardenha, Gramsci se destacou nos estudos e recebeu uma bolsa que o possibilitou frequentar a Universidade de Turim, cidade localizada no norte da Itália, que à época se industrializava, concentrando um grande contingente de operários. Lá, se envolveu com os conflitos políticos no mesmo passo em que estudava filosofia, filologia, a história da Península Itálica, entre outros temas e disciplinas.

Gramsci desempenhou, já no princípio da sua juventude, intensa atividade jornalística em diferentes veículos impressos ligados ao movimento operário e ao Partido Socialista Italiano (PSI). Ainda em 1913, inicia sua atividade militante no partido, sendo já crítico do positivismo e do economicismo, dois *desvios* comuns no marxismo da Segunda Internacional e do PSI. Em 1917, com a Revolução de Outubro, Gramsci escreve que a ação política organizada é o grande



motor da história humana, e não as estruturas econômicas, equívoco que ele reputa a outros intelectuais do movimento socialista (Coutinho, 2011b).

Gramsci também se envolveu politicamente com os conselhos de fábrica de Turim, no contexto da efervescência revolucionária do pós-Primeira Guerra Mundial, entre 1919 e 1920. Com efeito, a ideia de autogoverno dos trabalhadores permanecerá como balizadora do seu pensamento. Os conselhos de fábrica funcionariam, para Gramsci, como germe do poder operário, aparelho a partir do qual se disputaria pelo poder no conjunto da sociedade, não estando restrito a questões economicistas, como o sindicato. Com ele, o trabalhador se transformaria em produtor autônomo livremente associado. Nesse momento, Gramsci acreditava que “é no processo produtivo mesmo que se encontra o fundamento do processo de autoeducação e de autoemancipação do trabalho” (Del Roio, 2006, p. 315).

A direção do PSI não se engajou no combate pelos conselhos de fábrica. A luta foi derrotada. Refletindo sobre essa experiência, Gramsci entende que o autogoverno operário não deve operar apenas a partir da fábrica/local de trabalho, mas das diversas relações sociais que organizam a sociedade.

Em 1921, é um dos fundadores do Partido Comunista da Itália (PCd'I), cisão do PSI alinhada à Revolução Russa e à Terceira Internacional, e se torna membro do seu Comitê Central. Nesse momento, já estava bastante influenciado por Lênin. Entre 1922 e 1923, viaja à Rússia e passa a defender a política de frente única contra o fascismo, contra as posições sectárias e esquerdistas da direção do PCd'I de então. Gramsci entendia que a direção do partido

deveria educar a si mesm[a], na medida em que ele próprio se formava, superando o espírito de seita e, ao mesmo tempo, deveria ser capaz de assimilar a melhor expressão de cultura e ação política geradas no seio da própria classe trabalhadora. Além de se autoeducar, o educador deveria continuar sendo educado pelo educando (Del Roio, 2006, p. 320).

No bojo dessas discussões, Gramsci passa a esboçar sua estratégia para a transição ao socialismo no que chama de *ocidente*, cujo desenvolvimento das mediações superestruturais não precipitaria a via ao poder pelo assalto revolucionário, como na Rússia ou demais sociedades *orientais*, mas por outros meios, mais complexos (Coutinho, 2011b).

É eleito deputado em 1924, mas o início da década de 1920 já demonstrava a derrota da insurreição proletária no ocidente e a subsequente ascensão do fascismo, com a própria Itália na liderança desse processo (derrota dos conselhos de Turim, ascensão de Mussolini; mas também na Alemanha, com a derrota da revolução de 1918–1919).



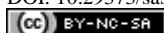
Em 1926, é preso pelo regime fascista. Na cadeia, se dedica fundamentalmente ao estudo, cujas notas foram coligidas nos *Cadernos do cárcere*. Concomitantemente, ao passar dos anos, sua frágil saúde se deteriora. Em 1933, é transferido da prisão para uma clínica, ainda na condição de prisioneiro. No final de 1934, lhe é concedida a liberdade condicional, ainda sob vigilância da polícia fascista. Gramsci morre pouquíssimo tempo depois de quando lhe é dada a liberdade plena, em 1937, depois de ter passado longos períodos internado em clínicas (Coutinho, 2011a).

Gramsci nunca publicou um livro em vida. Sua produção intelectual pré-carcerária está plasmada principalmente em artigos para a imprensa operária, mas também em cartas para camaradas e informes para o partido, enquanto sua produção madura do período no cárcere é, na verdade, um conjunto ordenado de anotações de estudo, além de mais cartas endereçadas a familiares e amigos. Desse fato decorre uma dificuldade para o estudo sistemático do seu pensamento, bem como para a delimitação da formulação precisa de seus conceitos, que aparecem muito mais *em ato*, operando nas análises históricas.

Sua vida, muito breve — ele morreu aos 46 anos —, foi plenamente dedicada à causa do socialismo e da emancipação humana. Seu trabalho organizativo nas formações políticas as quais pertenceu, bem como seu trabalho intelectual, giram em torno das movimentações políticas necessárias para alcançar uma sociedade igualitária, democrática e livre.

A obra de Gramsci vem sendo atacada por intelectuais de extrema-direita há décadas, mas essa dinâmica tem se tornado mais visível nos últimos anos, com a ascensão da extrema-direita ao redor do mundo (cf. a trajetória histórica e geográfica desenhada por Mussi; Bianchi, 2022). Em geral, eles consideram Gramsci como um dos mais perniciosos dos marxistas, porque, negando o determinismo econômico, supostamente conjecturava a possibilidade de uma revolução silenciosa, por meio de mudanças graduais por entre as brechas da cultura moderna. Essas mudanças seriam capazes, muitas vezes, de passar despercebidas, todavia seriam mais profundas, porque diriam respeito ao modo como as pessoas fazem sentido do mundo.

Esses autores, nos seus argumentos sensacionalistas, abusam da terminologia do próprio Gramsci, a fim de criar um espantalho. Considero que essa retórica só demonstra a força e atualidade do pensamento de Gramsci para a contemporaneidade, principalmente das ideias atacadas (porque temidas) por esses intelectuais de extrema-direita, como *hegemonia*.



Os intelectuais e a disputa por hegemonia

Como vimos, Gramsci entendia que o desenvolvimento das sociedades ocidentais levava a uma tal conformação social que o caminho para o poder a ser trilhado pela classe trabalhadora era diverso àquele traçado pelos bolcheviques em 1917:

[Ele] observou que nas chamadas sociedades ocidentais, [...] as organizações denominadas privadas, escola, imprensa, igreja, partido, sindicato, associações etc., formam uma rede de sustentação ou de contestação da atuação da sociedade política [...] e que as disputas ideológicas e políticas ocorrem principalmente nesses espaços que [...] chamou de sociedade civil (Jacomini, 2020, p. 5).

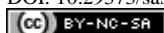
Para Gramsci, o *Estado integral* é conjunto dinâmico (e com contradições), dividido em dois âmbitos: a *sociedade civil* e a *sociedade política* (ou Estado restrito). A primeira é o campo da disputa pela *hegemonia*, enquanto a segunda está ligada à dominação coercitiva exercida pela classe dominante. As instituições da primeira, portanto, concorrem para a manutenção do *consenso* das massas na direção imprimida pelas classes dominantes ao destino político da sociedade, fruto do prestígio obtido pela sua própria posição; os aparelhos da segunda, para a coerção dos elementos que não consentem, ou virtualmente podem não consentir.

A teoria da revolução passa por revisão a partir dessa perspectiva, no que a sociedade civil se apresenta como o espaço privilegiado de disputa política; no caso, disputa por hegemonia de classe. A sociedade civil é considerada um espaço no qual as classes subalternas podem lutar para construir *sua* hegemonia, construindo a posição de direção política da sociedade como um todo. É nessa via de tomada de poder que Gramsci investirá.

Para tanto, torna-se fundamental entender os operadores da construção da hegemonia em disputa pelas classes no âmbito da sociedade civil. É aí que entra a figura dos *intelectuais orgânicos*. Para Gramsci,

todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político (Gramsci, 2011, p. 203).

Os intelectuais orgânicos das classes são “na maioria dos casos, ‘especializações’ de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz” (Gramsci, 2011, p. 203). Para o caso dos capitalistas, Gramsci cita o cientista da economia política.



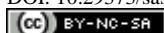
A relação das classes fundamentais com a produção é direta, afinal, elas são definidas pela sua posição estrutural no próprio processo de produção. Por sua vez, a relação dos intelectuais é mais complexa, possui mais mediações. Afinal, os intelectuais são como que os “funcionários” da superestrutura.

Nesse sentido, a produção de um intelectual orgânico não é processo mecânico ou formal: as classes sociais fundamentais de um modo de produção se encontram, por exemplo, com categorias intelectuais historicamente preexistentes. No caso do capitalismo, é notória a sobrevivência dos eclesiásticos como grupo de intelectuais, originalmente ligados à aristocracia feudal. Aqui se verifica, na análise de Gramsci, na tessitura de seus conceitos, o radical historicismo que ele preconiza. Não à toa nosso autor diz que sua análise é uma pesquisa de história dos intelectuais ou história da cultura, e não de sociologia (que ele considera mais esquemática e abstrata).

Seguindo o método marxista, Gramsci, para a sua definição de intelectual, não procura uma suposta essência da atividade intelectual, mas analisa as relações que essa atividade, em sua posição social, mantém com as outras posições sociais. Assim, ele pode afirmar que, a rigor, todos somos intelectuais, embora essa função seja exercida apenas por algumas pessoas em posições específicas das relações sociais que configuram a sociedade. Essas posições possuem institucionalidades próprias, construídas historicamente, que facilitam o exercício de suas funções.

De fato, nesse enquadramento, a figura do intelectual se torna bastante ampliada, espalhada. Mas Gramsci defende que só assim que se entende a forma da sociedade de seu tempo: a quantidade de intelectuais não se justifica pelas necessidades da produção, mas pelas necessidades políticas das classes dominantes no seu projeto de hegemonia. Para a classe dominante, antes de tudo trata-se de construir uma visão de mundo a ser incorporada pelas classes subalternas (produção do consenso).

Daí que a análise da superestrutura se torna central em Gramsci, pois ela não é mais um mero epifenômeno da estrutura, não está subordinada a ela, mas é um âmbito primordial das disputas pelos rumos da sociedade. As interações entre esses diferentes níveis da sociedade são bem mais dinâmicas e complexas do que o pensamento de outros marxistas da época, como os reformistas da Segunda Internacional, propunha. Em síntese, podemos concordar que, em Gramsci, “[...] sociedade civil e Estado [restrito] se identificam, ou seja, mantêm uma relação de unidade e distinção, no sentido de que esses dois momentos que compõem o conjunto da sociedade estão em consonância” (Jacomini, 2020, p. 8).



De um ponto de vista mais geral, podemos afirmar que a escola é uma dessas instâncias da sociedade civil destinada a cumprir a função de difundir certos tipos de condutas, certas visões de mundo, bem como inibir outras formas de ação e outros pontos de vista sobre o mundo. Observando mais detidamente o percurso histórico desse aparelho em específico, Gramsci afirmou também que o desenvolvimento dos sistemas escolares verificado na Europa, por exemplo, promoveu uma especialização das funções intelectuais e uma consequente segmentação do sistema de ensino, para mais além da já velha conhecida divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Podemos agora focar nesse nível da análise de Gramsci.

Ideias educacionais e pedagógicas de Gramsci

Contra a segmentação do sistema escolar, nosso autor defende, para a escolaridade básica, uma concepção de *escola unitária*, que recebe esse nome porque nela trabalho e teoria estão “estreitamente ligados” (Gramsci, 1982, p. 149), e não meramente aproximados mecanicamente. A escola unitária “[...] assume o ideal de formação integral do humano, um ser desenvolvido tão completamente quanto possível em relação às capacidades intelectuais e manuais” (Martins, 2021, p. 12).

Essa defesa advém da preocupação marxista com a superação da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Trata-se de (re)uni-los, e não apenas promover que intelectuais pratiquem atividades manuais com superficialidade e presunção, fazendo com que essas escolas se tornem “de tipo esnobe” (Gramsci, 1982, p. 149). O dilettantismo e o elitismo, aliás, são ferrenhamente criticados por Gramsci. Para ele, a cultura não se trata de um conjunto erudito de conteúdos; tal concepção “serve apenas para criar desajustados, ente que crê ser superior ao resto da humanidade porque armazenou na memória certa quantidade de dados e de datas, que aproveita todas as ocasiões para estabelecer quase uma barreira entre si e os outros” (Gramsci, 2010, p. 52). A cultura é uma *forma* de pensar, que deve ser transmitida: “é organização, disciplina do próprio eu interior, é tomada de posse da própria personalidade, é conquista de consciência superior pela qual se consegue compreender o próprio valor histórico [...]” (Gramsci, 2010, p. 53).

Mesmo assim, Gramsci entende que os estudantes devem ter, como base, o contato com os conteúdos do acervo cultural do passado. Esse contato deve ser de acesso a todos: “criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas ‘originais’; significa



também e, sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializá-las’, por assim dizer” (Gramsci, 2010, p. 72).

E com isso, poderíamos suscitar o surgimento de intelectuais orgânicos da classe trabalhadora:

Ao se apropriarem desse patrimônio cultural produzido pela humanidade, poderá ocorrer a elevação do nível de consciência dos educandos, induzindo outro tipo de ação individual e coletiva, porque terão mais consciência de si e do mundo, condição basilar para formularem estratégias e promoverem ações com vistas a superar as contradições sociais que lhes desafiam a existência (Martins, 2021, p. 12).

Desde esse ponto de vista, Gramsci, em um debate mais especificamente pedagógico, tecerá diversas críticas às concepções de autores ligados ao movimento da Escola Nova, ou seus precursores, como Pestalozzi. De fato, ele reconhece que os pedagogos inspirados em Rousseau avançaram frente à educação tradicionalista, ligada aos jesuítas. Entretanto, ele critica fortemente as concepções que pensam a educação como espontaneidade, na qual o professor se torna mero auxiliar do aluno em sua descoberta e aprendizado, na qual o professor vê sua função se limitar à criação de condições favoráveis ao livre desenvolvimento *natural* do aluno.

Pelo contrário: nosso autor defende que cabe à geração anterior *formar* a geração seguinte, formação essa cujo significado encerra uma luta contra os instintos mais naturais, buscando criar um homem contemporâneo à sua época. Não se trata de guiar a criança nos seus saberes; falamos de um projeto cultural, isto é, da *produção* humana da subjetividade e da materialidade social.

Gramsci também credita as falhas do movimento escolanovista de sua época à pouca maturidade do seu projeto:

Ainda se está na fase romântica da escola ativa, na qual os elementos da luta contra a escola mecânica e jesuítica se dilataram morbidamente por causa do contraste e da polêmica: é necessário entrar na fase *clássica*, racional, encontrando nos fins a atingir a fonte natural para elaborar os métodos e as formas (Gramsci, 2010, p. 111).

O revolucionário italiano, nesse sentido, critica as escolas que permitem a “total liberdade no estudo” (Gramsci, 1982, p. 150), justamente porque elas acabam por promover um laço frouxo com os professores, que não acompanham o aluno sistematicamente, apenas em períodos concentrados, quando ocorre uma sobrecarga de trabalho. Gramsci defende que o trabalho intelectual, o estudo, envolvem disciplina, rotina e sistematização.



Gramsci também comenta que as pedagogias inspiradas nos princípios escolanovistas, como aquelas em que os professores apenas suscitam os interesses dos alunos e os guiam em suas investigações, rejeitando o ensino mais dogmático, são mais difíceis de serem generalizadas, pois dependem da formação de um grande contingente de bons professores. Essas escolas, que muitas vezes de fato conferem bons resultados aos seus alunos, acabam, desse modo, por configurar uma porção elitizada do sistema escolar.

Por outro lado, Gramsci não nega o interesse em certos aspectos dessas pedagogias, muito em voga no início do século XX, pois muitas vezes não deixam de promover o esforço coletivo e a colaboração, bem como instigam uma verdadeira paixão pelo conhecimento por parte dos alunos.

Nesse sentido, uma *escola ativa*, nos moldes do escolanovismo, poderia ser aproveitada ao final da escolarização, e não tanto com as crianças. A fase final da escolaridade básica, na escola unitária,

[...] deve ser concebida e organizada como a fase decisiva, na qual se tende a criar os valores fundamentais do “humanismo”, a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessária a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico (estudos universitários), seja de caráter imediatamente prático-produtivo (indústria, burocracia, comércio etc.) (Gramsci, 2011, p. 217–218).

Do ponto de vista dos métodos de ensino, isso se consubstancializa, para os anos mais avançados da escola unitária, na proposta de realização de seminários “[...] e, no cotidiano, os educandos que sabem mais sobre determinado assunto deverão exercitar o apoio aos outros colegas, para que o coletivo escolar avance no aprendizado” (Martins, 2021, p. 13). É nessa fase mais apropriada aos métodos da Escola Nova que “a atividade escolar fundamental se desenvolverá [...] nas bibliotecas, nos laboratórios experimentais; é nela que serão escolhidas as indicações orgânicas para a orientação profissional” (Gramsci, 2010, p. 112).

Gramsci, desse modo, divisa pelo menos duas fases para a escolaridade básica:

Na primeira fase, tende-se a disciplinar, portanto também a nivelar, a obter uma certa espécie de “conformismo” que pode ser chamado de “dinâmico”; na fase criativa, sobre a base já atingida de “coletivização” do tipo social, tende-se a expandir a personalidade, tornada autônoma e responsável, mas com uma consciência moral e social sólida e homogênea. Assim, escola criativa não significa escola de “inventores e descobridores”; ela indica uma fase, um método de investigação e de conhecimento, e não um “programa” predeterminado que obrigue à inovação e à originalidade a todo custo (Gramsci, 2010, p. 111–112).



Com o conceito alargado de intelectual, Gramsci também não pode entender a educação (no sentido forte do termo) como estritamente vinculada ao espaço escolar. Ela também ocorre nos contextos extraescolares. Ele comenta sobre a importância, para a cultura popular moderna, das bibliotecas populares comunitárias, bem como do oferecimento, como serviço público e não como mercadoria, de acesso aos teatros, museus, zoológicos, jardins etc. O acesso a tais bens e serviços também é formativo para a classe trabalhadora, da mesma forma como ocorre com o acesso à educação formal/escolar. Desse modo, a luta por esses bens e serviços culturais não deixa de ser uma luta por hegemonia.

Uma aproximação com Pierre Bourdieu

Como vimos, a atividade intelectual é entendida por Gramsci como um trabalho, inclusive no sentido de os meandros de sua realização deverem ser ensinados na escola. Como ele mesmo afirma, “[...] o estudo é uma profissão, e muito fatigante, com um tirocínio particular próprio, não só intelectual, mas também muscular-nervoso: é um processo de adaptação, é um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e sofrimento” (Gramsci, 2010, p. 125).

Pensando no árduo processo psicofísico do estudo — e é difícil não lembrar das suas frágeis condições de saúde —, Gramsci ainda diz que

Por certo, a criança de uma família tradicional de intelectuais supera mais facilmente o processo de adaptação psicofísico; quando entra na classe pela primeira vez, já tem vários pontos de vantagem sobre seus colegas, possui uma orientação já adquirida por hábitos familiares: concentra a atenção com mais facilidade, pois tem o hábito da postura física etc (Gramsci, 2010, p. 125).

A aproximação dessa reflexão com o pensamento de Pierre Bourdieu é reconhecível para o leitor familiarizado com as ciências sociais. Décadas depois, a argumentação do sociólogo francês acerca da transmissão familiar das predisposições necessárias ao sucesso escolar, inclusive inscritas no corpo, de maneira prévia e externa à instituição escolar, será muito próxima ao comentário de Gramsci reproduzido acima. É claro, guardadas as devidas diferenças no que toca os fundamentos teóricos de cada autor, bem como o estilo de cada um. Na dicção de Bourdieu,

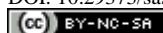
o sistema de ensino reproduz tanto melhor a estrutura de distribuição do capital cultural entre classes [...] quanto mais a cultura que transmite se encontra mais próxima da cultura dominante e *quando o modo de inculcação a que recorre está menos distante do modo de inculcação familiar* (Bourdieu, 1992, p. 306, grifos meus).



Seja como for, a rejeição ao determinismo economicista me faz encontrar sentido no cruzamento entre esses dois pensadores que, entre outros temas, dispensaram grande atenção à educação.

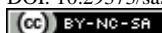
Considerações finais

O conceito de intelectual orgânico, cunhado por Gramsci, pode muito bem ser aplicado a ele mesmo. O revolucionário italiano se destacou como redator na imprensa operária e chegou a ser dirigente político do movimento comunista na Itália. Com efeito, foi o principal intelectual orgânico da classe trabalhadora italiana e até hoje é grande inspiração teórica e política para aqueles, em diferentes espectros da esquerda, que lutam por um mundo igualitário, democrático e livre. No campo da Educação em especial, são muitos os intelectuais que recorrem às ideias de Gramsci para refletir sobre os desafios postos para essa arena de lutas hoje. Gramsci é, enfim, um pensador da ação e da educação de grande atualidade.



REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. Reprodução cultural e reprodução social. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Organização de Sergio Miceli. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 295–336.
- COUTINHO, C. N. Cronologia. In: COUTINHO, C. N. (org.). **O leitor de Gramsci**: escritos escolhidos (1916–1935). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a. p. 41–45.
- COUTINHO, C. N. Introdução. In: COUTINHO, C. N. (org.). **O leitor de Gramsci**: escritos escolhidos (1916–1935). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b. p. 13–39.
- DEL ROIO, M. Gramsci e a educação do educador. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 26, n. 70, p. 311–326, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/dd9fdHNSyM5HDk6CtfM3SWN/>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- GRAMSCI, A. Os intelectuais e a educação. In: COUTINHO, C. N. (org.). **O leitor de Gramsci**: escritos escolhidos (1916–1935). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 202–231.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 141–157.
- GRAMSCI, A. Textos selecionados. In: MONASTA, A. **Antonio Gramsci**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores MEC).
- JACOMINI, M. A. O conceito gramsciano de Estado Integral em pesquisas sobre políticas educacionais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, p. 1–19, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DvDZ7rSjPW99fsSXfygdXwj/>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- MARTINS, M. F. Gramsci, educação e escola unitária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, p. 1–18, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/X3MD3XtH4YVQfXndFDBDtws/>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- MUSSI, D.; BIANCHI, A. Antigramscismo na América Latina: circulação e tradução de ideias. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 37, p. 1–29, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/cNMMcJJgvqbnjP3VKpkmKPQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2025.



CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** Agradeço à Profa. Dra. Carlota Boto (Faculdade de Educação da USP) pelo oferecimento da disciplina *Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico*, no 1º semestre de 2025, cujo trabalho final de avaliação resultou na primeira versão do presente texto.
 - Financiamento:** Nenhum.
 - Conflitos de interesse:** Não há.
 - Aprovação ética:** O trabalho não precisou de aprovação em comitê de ética em pesquisa.
 - Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis fisicamente em bibliotecas e online no SciELO.
 - Contribuições dos autores:** A conceituação e a redação do artigo são de Tiago Soriano.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

